

É diferente do tipo separatista e destrutivo de antes da guerra. Visa, com soberano orgulho, a um meio econômico progressista de cooperação que os Estados Unidos fariam bem em compreender

O Nôvo Nacionalismo Europeu

Condensado de FORTUNE

MAX WAYS

Autor de "Beyond Survival"

SEJA O QUE fôr que Charles de Gaulle está inquietamente procurando, não pode ser a gratidão dos Estados Unidos. Entretanto, é bem possível que com o correr do tempo o público americano tenha bons motivos para agradecer ao Presidente da França suas recentes atitudes. Êle fêz a Europa voltar às manchetes norte-americanas—onde deve estar. Embora a oportunidade comunista resida principalmente nos continentes subdesenvolvidos, a Europa continua a ser uma região de importância vital. Se a Europa cambalear, ou se as suas relações com

os Estados Unidos se tornarem gravemente precárias, a deterioração em tôda a parte poderá sobrepujar o esforço para criar uma ordem internacional pacífica progressista.

O que de Gaulle tem feito é chamar a atenção para o fato de que o nacionalismo, num nôvo sentido, é um fator importante e em ascensão na Europa. Mas os americanos são ambivalentes a respeito de nacionalismo. Aplaudem o crescente nacionalismo dos países da Europa *Oriental* como um movimento progressista que dá aos seus povos uma medida considerável de liberdade nacional

em face da “integração” comunista. Entretanto, condenam os Estados nacionais da Europa Ocidental como antiquados e atrasados, como uma relíquia atávica do desordenado passado do continente. No interêsse das suas boas relações com a Europa, os Estados Unidos devem ter compreensão mais viva do que aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial.

A Escolha que a Europa Não Quis Fazer. Nos fins da década de 1940, os Estados Unidos tinham plena consciência de que o nacionalismo europeu fôra responsável pelas duas guerras mundiais. Na segunda calamidade, o nacionalismo não só instigara o agressor, como também enfraquecera as vítimas, impedindo-as de cooperarem na defesa. Além disso, as barreiras nacionais na Europa antes de 1939 tinham-na feito perder o ímpeto econômico e social, e a estagnação, por sua vez, gerara as ideologias marxista e fascista.

Não era de surpreender que a maioria dos americanos considerasse indesejável o ressurgimento de um forte nacionalismo europeu depois da guerra. Êles acreditavam que os povos europeus deviam de preferência confederar-se dentro de alguns órgãos governamentais supranacionais. As idéias quanto à espécie e ao grau de integração diferiam, mas era significativo que a frase “Estados Unidos da Europa” fôsse—como ainda é—usada freqüentemente em relação a êsse “grande objetivo”. Presumia-se que na Europa nacionalismo e integração eram contrários e

que, quando uma dessas idéias definhasse, a outra progrediria.

Em vez disso, o nacionalismo da Europa renasceu com vigor suficiente para rejeitar tôda uma série de planos de integração militar patrocinados pelos Estados Unidos, desde o da Comunidade de Defesa da Europa ao da Fôrça Multilateral, que teria internacionalizado uma pequena fração do poder nuclear total do Ocidente. A tendência para a constituição de órgãos políticos explicitamente supranacionais, como um parlamento europeu, diminuiu de ritmo. Os governos da Europa Ocidental têm demonstrado considerável competência para tratar de uma variedade ampliada de assuntos. Os governos nacionais dão, segundo se julga, um pouco de coesão a países à beira de atordoante transformação social.

Em tais circunstâncias, poder-se-ia esperar que a causa da integração estivesse completamente desacreditada. Mas está longe de ser êsse o caso. Em alguns aspectos, o desmonte das barreiras econômicas nacionais foi mais longe e com mais rapidez do que se teria julgado possível em fins da década de 1940. O Mercado Comum Europeu funciona graças a medidas legais que limitam seriamente a soberania dos seis países participantes (Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo). Dispõe de forte apoio popular. Nos assuntos puramente políticos, decresceu também a rivalidade entre as nações. Ninguém receia outra guerra

entre a França e a Alemanha ou entre dois países quaisquer da Europa Ocidental. A Organização do Tratado do Atlântico Norte produziu um grau de cooperação em tempo de paz desconhecida no passado da Europa.

Em suma, a Europa Ocidental não quis escolher entre o nacionalismo e a integração. Preferiu ambas as coisas.

Não Há Fome de Terra. O “nôvo” nacionalismo da Europa é bem diferente do “velho”. Os dois estão separados pelo enorme abismo econômico, social e psicológico entre a Europa de antes e de pós-guerra.

Em linhas gerais, as duas classes sociais mais importantes da Europa no século XIX eram os camponeses libertados e a burguesia. Transmittiam elas ao “velho” nacionalismo algumas das suas atitudes peculiares de classe. O camponês contribuía, por exemplo, com uma ênfase sobre o território que definia o progresso nacional e o interesse nacional em função da terra—num continente onde pouca terra estava ainda disponível. Como a tecnologia não progredia rapidamente, a maior esperança de vantagem econômica de um agricultor estava em adquirir mais campos. Como o seu governo refletia essa fome de terra, as fronteiras entre os países eram ardorosamente disputadas. Há menos de 30 anos, antes da Segunda Guerra Mundial, a exigência de Hitler por *Lebensraum* a leste obtinha pronta reação dos alemães, que sentiam suas energias na-

cionais irremediavelmente tolhidas por suas fronteiras.

O burguês tinha tendências políticas paralelas. Mostrava em comum com o camponês um sentido absolutista da propriedade: “O que é meu é meu.” Queria da política um mínimo de regulamentação governamental e um máximo de ajuda do governo para obter e manter mercados fechados. A sua influência determinou a guerra econômica na Europa e o imperialismo no exterior.

Hoje a Europa dos camponeses está tão morta como a Europa dos dinastas. Os camponeses são de ano para ano menos numerosos e até os menos educados compreendem agora que mais adubos, mais máquinas e mercados mais amplos são melhor caminho para o progresso do que mais terra.

A Europa atual é a Europa do homem assalariado, pertencente ao “grupo de receita média”—o que não é de modo algum a mesma coisa que a velha burguesia. A subsistência do assalariado depende não dos seus bens, mas do trabalho mental com que contribui para organizações particulares ou públicas. Ele produz uma espécie de nacionalismo que permite um alto grau de cooperação ou integração entre as nações. Fazendo parte de uma equipe, espera que o seu país faça parte de uma equipe de nações.

O eixo do crescimento nacional transferiu-se da horizontal para a vertical. O estado nacional não sonha mais em forçar sua expansão para o

exterior, com sacrifício das terras das outras nações, porque sabe que pode mover-se para *cima*, no espaço ilimitado do progresso tecnológico.

O contraste entre o nacionalismo de antes e o de pós-guerra demonstra-se pelas diferenças que há entre Mussolini e de Gaulle. Enquanto o Duce se esforçava por obter colônias na África, a maior realização de de Gaulle vem sendo a manutenção do moral nacional da França durante e depois da liquidação das suas possessões ultramarinas. Mussolini arrastou o povo italiano a fazer grandes sacrifícios materiais para aumentar os seus efetivos militares. De Gaulle reduziu, em cinco anos, o número de franceses em armas de um milhão para 580 000. De Gaulle deseja ansiosamente que a França desempenhe um papel importante na Europa e fora dela. Mas o seu sonho é o da grandeza da persuasão e da influência política, não das posses materiais e da pura fôrça.

Em quase todos os países europeus as diferenças regionais estão diminuindo. Mais flagrante ainda é o declínio da luta de classes, do conflito ideológico e da rivalidade religiosa. Por exemplo, o partido socialista da Alemanha Ocidental renunciou há alguns anos ao marxismo como sua filosofia oficial. Os partidos "cristãos" da Alemanha, da Itália e da França começaram a perder a sua índole primitiva de escudos contra o marxismo. Os europeus, que há decênios se assombram com o escasso conteúdo ideológico dos

partidos norte-americanos, vão-se encaminhando também para semelhantes agrupamentos políticos amplos, que tentam por meio de uma "política de acôrdo" tratar dos problemas nacionais criados pela transformação econômica e social.

Luz no Oriente. O nôvo nacionalismo pode ser visto também na Europa Oriental. Visto do Ocidente, as suas virtudes são evidentes porque o mesmo representa um revés para a integração monolítica imposta pela ideologia comunista e pelo imperialismo russo.

A Romênia, por exemplo, negou-se obstinadamente a submeter-se à excessiva "integração". Os planejadores econômicos do bloco satélite julgaram que as matérias-primas romenas (principalmente o petróleo) poderiam ser utilizadas de maneira mais eficiente para ajudar os vizinhos comunistas da Romênia. Não pensaram assim os dirigentes da Romênia. Embora comunistas convictos, viram a questão do ponto de vista nacional, e desafiaram Moscou. Posteriormente, a Romênia estendeu a sua não-cooperação a outros setores. Embaraçou os seus aliados do Pacto de Varsóvia, reduzindo o seu período de serviço militar de 24 para 16 meses e negando-se a participar das manobras conjuntas do Pacto. O nôvo nacionalismo da Romênia é na realidade marcadamente não militarista; contingentes do Exército trabalham na construção de estradas e edifícios públicos e até em fazendas experimentais.

Em outros países satélites, há também incessantes esforços no sentido de uma política que se afaste do contexto comunista padronizado. Os intelectuais comunistas tchecos e húngaros, por exemplo, denunciam acerbamente os erros dos planejadores econômicos centrais: a superconcentração na indústria pesada, os produtos inferiores, a falta de progresso tecnológico, a ineficiência dos trabalhadores. Os reformadores esperam que a competição através dos mercados determine redução do custo, melhoria do produto, maior disciplina do operário e espírito de inovação. E associam as suas reformas à esperança de maior comércio com o Ocidente. Dêem ou não resultado, as suas reformas econômicas quase com certeza estimularão um gradativo enfraquecimento do que era há 10 anos um contróle comunista muito rígido.

O fato dominante a respeito da situação atual dos países satélites é que o comunismo deixou flagrante-

mente de atender às aspirações dos povos ao progresso mundial. No mundo inteiro, essa incapacidade tem reduzido a atração do comunismo. Zbigniew Brzezinski, que faz parte do Conselho de Planejamento da Política do Departamento de Estado norte-americano, disse: "É na Europa que está sepultado o sonho do internacionalismo comunista."

Em resumo: As futuras relações entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus—e as relações dos europeus entre si—serão provavelmente mais perturbadas do que foram na década de 1950. A aliança ocidental essencial terá de permanecer intata para enfrentar qualquer possível reativação da ameaça soviética à Europa. Mas em tôda a parte o nacionalismo em ascensão está ligado às exigências de progresso dos povos. Encarado dessa maneira, o nôvo nacionalismo da Europa oferece muito mais vantagens do que perigos para os objetivos reais da política dos Estados Unidos.



Frases Sôltas. "Êle está atrapalhando todos os meus planos de casamento: nunca se lembra de fazer o pedido" (Saló) . . . Guri ao pai: "Isso eu não entendo, papai; refrigerante antes da comida estraga o meu apetite e uísque antes do jantar abre o seu?" (J. T.)

Argumento. No anúncio de um hotel à beira-mar: "Nossa piscina tem 5 000 quilômetros de largura" (R. B.)

E Agora? Nada faz pensar mais nas recomendações do médico do que quando êle as dá por escrito (F. P. J.)



ENTRE ASPAS



MAIS cedo ou mais tarde, todo o mundo deixa de fumar. A Natureza—a mais tolerante das mães—se encarrega disso. Os que fumam mais param primeiro. —Pat McGrady, *The Savage Cell* (Basic Books, ed.)

Os TEMPOS mudaram. Há 40 anos as pessoas trabalhavam 12 horas por dia e chamavam a isso escravidão econômica. Agora trabalham 14 horas por dia e chamam-lhe “ter um bico”. —Robert Orben

O HOMEM sábio reconhece que as verdades mais importantes da vida são muitas vezes banais. O homem esperto só vê a banalidade. —Eli J. Schleifer

NINGUÉM pode imaginar as dificuldades por que já passamos . . . mas nós estamos sempre tentando contá-las. —Mignon McLaughlin, em *The Atlantic Monthly*

AS IDÉIAS devem ser recebidas como hóspedes—cordialmente—mas com a condição de não tiranizarem o dono da casa. —Alberto Moravia

A SAUDADE não é mais o que era. —Peter De Vries

O HOMEM é um animal gregário, e muito mais em espírito do que fisicamente. Pode gostar de dar um passeio sozinho, mas detesta ficar só em suas opiniões. —George Santayana

BEM-AVENTURADOS os jovens, pois eles herdarão a dívida nacional. —Herbert Hoover

EMBORA o tempo cure tôdas as feridas, é a rotina diária que fornece os curativos. —C. S., em *True Story Magazine*

Visão é um sentido; ver é uma arte. —George Perkins Marsh

NÃO HÁ homem que seja tão antifeminista como uma mulher realmente feminina. —Frank O'Connor, citado em *The Irish Digest*

No IMPORTANTE mundo das relações de família, quatro outras palavras são quase tão poderosas como as famosas “Eu gosto de você”. São: “Talvez você tenha razão.” —Oren Arnold, em *The Kiwanis Magazine*